

Crise e Constituição

O senador Josaphat Marinho (PFL-BA), professor de Direito Constitucional e reconhecido como uma das maiores autoridades nacionais no assunto, está convencido de que a crise cambial da semana passada deixou ao menos uma lição preciosa. Demonstrou que, ao contrário do que se propaga, a Constituição não gera ingovernabilidade alguma.

Foi exatamente por meio dos mecanismos nela previstos — no caso, as medidas provisórias — que o governo dispôs de instrumentos ágeis para enfrentar a avidez especulativa do mercado. México e Argentina, para citar dois dos países que aderiram ao receituário liberal e deram com os burros n'água, não dispuseram das mesmas alternativas e foram derrotados pelo mercado.

O governo, passado o vendaval especulativo, e que gastou acima de US\$ 5 bilhões das reservas cambiais para impedir a disparada do dólar e o consequente fiasco do Plano Real, admite que seu adversário nessa guerra foram os bancos. Eles geraram a febre especulativa, tão logo perceberam que a adoção do sistema de bandas era iminente.

Até aí, diz o senador, nenhuma novidade. O mercado é assim mesmo. Não tem pátria ou preocupações sociais. Age em busca do lucro — e ponto final. Por isso mesmo, não pode ficar solto, entregue a si próprio, como querem os neoliberais. É preciso que esteja sob a supervisão do Estado, que represen-

ta os interesses da sociedade, sobretudo daqueles que não têm acesso ao mercado.

O senador tem sido crítico do governo Fernando Henrique, embora torça por seu sucesso e o tenha apoiado nas eleições. “Quero o sucesso do presidente”, diz ele, “mas se ele for seguir o receituário do Roberto Campos, estamos perdidos”. O receituário do Roberto Campos é o neoliberal, adotado pelo México, citado nos últimos anos como país-modelo do ajuste concebido pelo sistema financeiro internacional para sanear os países periféricos em vias de desenvolvimento.

O México desmontou o Estado e viu-se sem meios de enfrentar a quebra de renda. O país hoje está penhorado pelos Estados Unidos. O próprio conceito de soberania, diante do que lá acontece hoje, está sendo questionado. A Argentina não chegou tão longe, mas caminha na mesma direção. Também seguiu o modelo do FMI: privatizações selvagens, redução do Estado a seu tamanho mínimo.

O Brasil, por sua desordem e disfuncionalidade política, ficou apenas no discurso e concretizou pouquíssima coisa. Sorte nossa. Estamos tendo o privilégio de assistir com antecedência ao Muro de Berlim do neoliberalismo. É natural que o presidente esteja confuso. Tudo acontece muito rapidamente. Menos de três meses de governo esclerosaram o seu projeto de reformas. Não terá outra saída senão alterá-lo.